



LIMITES E POSSIBILIDADES DA LUTA CONTRA HOMOFOBIA NA CIDADE DE PICOS - PI

Andrea Alice Rodrigues Silva¹ (Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Pernambuco); Letícia da Silva Cabral² (Mestranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará)

¹-Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, andrealekka@gmail.com

²Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, leticiacabral1109@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa compreender os limites e possibilidades da luta contra homofobia na cidade de Picos - PI, a partir da discussão e análise dos aspectos referentes a construção sócio histórica das vivências homoafetivas no município. A coleta de dados foi feita a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, tendo como sujeitos da pesquisa, 20 homossexuais residentes na cidade. Para análise da conjuntura, foi levado em conta o resultado de pesquisa bibliográfica realizada. A mesma foi dividida em três momentos: as faces históricas da violência contra homossexuais e a sua construção sócio histórica; a construção dos movimentos que lutam pelos direitos dos homossexuais no estado Piauí; a realidade vivenciada por homossexuais ao bojo da sociedade picoense. Nesse sentido, justifica-se o interesse nesta temática e reafirma a relevância deste trabalho na afirmação da realidade que se encontra a nível nacional e se confirma na cidade de Picos de maneira muito intensa. E nesse sentido, evidencia-se a necessidade de mais contribuições teórico-práticas para transformar essa realidade.

Palavras-chave: Homossexualidade, Violência, Homofobia.

INTRODUÇÃO

A violência contra homossexuais tem representado um tema central para o ativismo, governos e mídia. É importante tratar desse contexto diante do problema real que representa e, da situação enfrentada pela população de homossexual ao enfrentar as mais diversas formas de manifestação.

A homossexualidade acompanha a história da humanidade e nem sempre foi aceita ou tolerada, havendo restrições a sua externalidade e, ao comportamento, de acordo com cada tempo, espaço, regras sociais e

padrões estabelecidos pela sociedade, contexto esse, que se perdura e propaga na conjuntura atual.

Nesse sentido, justifica-se o interesse nesta temática e reafirma a relevância deste trabalho na afirmação que a violência e a homofobia, estão presentes na cidade de Picos de maneira muito intensa, região esta, que tem uma cultura machista e homofóbica bem delimitada pela sua construção social, demonstrando imperativa a necessidade de contribuições teórico-práticas para transformar essa realidade.



Dessa forma, o presente visa compreender os limites e possibilidades da luta contra homofobia na cidade de Picos - PI, com o intuito de discutir e analisar os aspectos referentes a construção sócio histórica das vivências homoafetivas na cidade de Picos-PI.

METODOLOGIA

O cenário dessa pesquisa é o município de Picos-PI. A cidade apresenta como característica social, a mistura étnica, com uma população bem diversificada, caracterizada por ser uma cidade universitária e, receber sujeitos para o ingresso no mundo do trabalho. Geograficamente é cortada pelo rio Guaribas, a macrorregião de Picos pertencente à mesorregião Sudeste Piauiense e é uma das maiores produtoras de mel do país.

A pesquisa foi dividida em três momentos, a saber: As faces históricas da violência contra homossexuais e a sua construção sócio histórica; Reflexão sobre a construção dos movimentos que lutam pelos direitos dos homossexuais no estado Piauí; Discussão da realidade vivenciada por homossexuais ao bojo da sociedade picoense, com análise do enfrentamento a homofobia e, os limites e possibilidades da luta contra homofobia no município.

Além disso, foi realizada pesquisa bibliográfica para melhor discutir e contextualizar a temática abordada. Desta forma, decifrando o contexto da situação de violência aos homossexuais nesta cidade.

Após a definição do campo de investigação foi feita a escolha dos sujeitos de pesquisa, os quais foram 20 homossexuais que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência homofóbica e, que participam de algum tipo de organização política.

Definido os sujeitos da pesquisa foram construídos instrumentos de coleta de dados que se trata de um roteiro de entrevista semiestruturado a serem aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa através da técnica de entrevista. (SANTOS, 2007).

A análise dos dados foi feita através da abordagem qualitativa referente a uma análise do conteúdo das falas dos sujeitos tendo como base as fontes teóricas utilizadas para construção do referencial teórico do referido estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o século XIX o termo homossexualidade é conhecido e, ao mesmo tempo, marginalizado. Há registros de que a homossexualidade existe desde quando existe a heterossexualidade, de acordo com a dialética hegeliana.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Segundo os estudos de Junqueira (2011), os primeiros relatos da homossexualidade aconteceram por volta da terceira dinastia egípcia, cerca de 2.500 anos A.C. Para o autor, escritos mencionavam a homossexualidade na Mesopotâmia, Suméria e Assíria. A mitologia grega é abundante em relatos de deuses e heróis homossexuais.

Os textos históricos e materiais arqueológicos encontrados no entorno das antigas cidades gregas, em especial, Atenas e Esparta, apontam para uma civilização que exaltava as relações de amizade entre os rapazes e os homens mais velhos os elogios, os prazeres, a vontade de saber e os atos sexuais efetivados entre os iguais davam-se através do exercício de uma liberdade real. Estas relações apareceram como um meio de elaboração e codificação das condutas morais do cidadão; do que deve ser permitido ou proibido entre nos espaços públicos; das práticas éticas e pedagógicas; dos caminhos do autoconhecimento; da estética de si e dos exercícios espirituais e ascéticos (FOUCAULT, 1979).

No que diz respeito à pederastia, pode-se afirmar que a mesma era encarada como um sentimento puro. No entanto, se a ordem fosse subvertida e um homem mais velho mantivesse relações sexuais com outro, estava estabelecida sua desgraça – os adultos passivos eram encarados com desprezo por

toda a sociedade, a ponto de o sujeito ser impedido de exercer cargos públicos (NAPHY, 2006).

Na época, a homossexualidade era vista como um transtorno mental e, a lobotomia era um dos tratamentos utilizados para estes. Desenvolvida pelo neurocirurgião português António Egas Moniz, consistia em uma técnica cirúrgica que cortava um pedaço do cérebro dos doentes psiquiátricos, mais precisamente nervos do córtex pré-frontal.

Na Suécia, três mil gays foram lobotomizados. Na Dinamarca, 3500 – a última cirurgia foi em 1981. Nos Estados Unidos, cidadãos portadores de “disfunções sexuais” lobotomizados chegaram às dezenas de milhares (NAPHY, 2006).

Entendido como o indivíduo a ser corrigido nos fins do século XIX, o homossexual será tratado dentro de um espaço mais restrito do que o do monstro que havia sido limitado pelas leis da natureza. Visto como espécie anormal, problematizado a partir da sexualidade infantil, este não aparecerá apenas com um monstro cotidiano, empalidecido e banalizado pelo desgaste da vigília perpétua do núcleo familiar que, junto às instituições vinculadas escola, paróquia, comunidade e olhares policiadores da cidade desenvolveram métodos e regras natimortos de correção e disciplinas, através das quais o homossexual aparecera como figura ambígua



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e indivíduo corrigível que deverá ser colocado em um meio de correção mais apropriado (FOUCAULT, 1979).

O Brasil continua sendo o campeão mundial de homicídios contra as minorias sexuais, cinco homossexuais são mortos a cada duas semanas, nem nos Estados Unidos e Inglaterra, países onde os crimes de ódio são frequentes e ainda existem restrições legais à prática homossexual, nem mesmo nos países islâmicos e africanos mais homofóbicos, onde há legislação punitiva contra os praticantes do que é considerado como “vício dos colonialistas brancos”, em nenhum país do mundo, inclusive na América Latina, são assassinados tantos gays como no Brasil. (MOTT, 2011).

Para Mott (2011), o País convive com uma contradição na medida em que apresenta "mais de 150 paradas gays, abriga a maior associação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) da América Latina", mas, ao mesmo tempo, é líder mundial de mortes contra essa população. Segundo ele, "a homofobia cultural é forte no Brasil".

Segundo Mott (2011), antropólogo responsável pelo levantamento, as estatísticas são inferiores à realidade. “Esses 260 assassinatos documentados são um número subnotificado, porque não há no Brasil estatístico oficiais de crimes de ódio”.

O estudo também aponta que o Brasil lidera o ranking mundial de assassinatos de homossexuais. Nos Estados Unidos, foram registrados 14 homicídios de travestis em 2010, enquanto no Brasil, foram 110 assassinatos. Além disso, o risco de um homossexual ser morto violentamente no Brasil é 785% maior que nos Estados Unidos.

Entre os estados, a Bahia, na região Nordeste que aqui se destaca pela sua cultura machista que contribui para a intensificação da homofobia, é pelo segundo ano consecutivo o estado com maior número de assassinatos de LGBT's, são 29 homicídios, segundo o relatório anual. Com 43% dos casos, o Nordeste é a região que tem mais homicídios de homossexuais e travestis. Levando em conta o número da população, Alagoas é o estado com maior número de morte de homossexuais por habitantes. Considerando as capitais, Maceió é a que tem o maior número de gays assassinados.

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), 43% dos homicídios foram a tiros, 27% a facadas, 18% por espancamento e 17% por sufocamento ou enforcado. Neste sentido as reivindicações, as lutas, os protestos, os debates e até mesmos os estudos referentes a esta temática não pode cessar, pois através desta discussão e destes dados percebemos cada vez mais a importância dos



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mesmos na correlação de forças para uma conjuntura mais favorável aos homossexuais.

Nesse sentido, temos a lei Orgânica nº 5.431, de 29 de dezembro de 2004, dispõe sobre as sanções administrativas a serem aplicadas a prática de discriminação em razão de orientação sexual.

Sendo hoje possível a denúncia da violação dos Direitos Humanos de LGBT (Transfobia, lesbofobia e homofobia), esta deve ser registrada junto ao Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos, para isso, basta discar gratuitamente para o número 100, não sendo necessário se identificar.

Lésbicas, gays e bissexuais não reivindicam "direitos adicionais" ou "especiais", mas a observância dos mesmos direitos das pessoas heterossexuais. As pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) são negadas, tanto pela lei ou pela prática, direitos civis, políticos, sociais e econômicos básicos. As seguintes violações foram documentadas em todas as partes do mundo. Por meio da prática ou de provimentos criminais especiais com base na orientação sexual, em muitos países são negados às lésbicas, gays e bissexuais, *igualdade de direitos* diante da lei (DIAS, 2009).

Os direitos à livre expressão e à livre associação, o direito à saúde física e mental,

o direito de formar uma família, os direitos de proteção familiar, o direito à educação e etc.

Outro debate que diz respeito a questão dos direitos é referente ao casamento entre homossexuais.

Pode-se perceber que, o reconhecimento legal e judicial de direitos LGBT no Brasil tem avançado. Se por um lado a homossexualidade não é considerada crime desde 1830, nas últimas décadas tem-se avançado na igualdade de direitos entre casais homossexuais e heterossexuais, além do combate à discriminação. Entre as reivindicações quanto a direitos LGBT, pode-se citar o reconhecimento das uniões homossexuais, conquista de direitos previdenciários, combate à discriminação, adoção e reconhecimento jurídico da mudança de sexo. As decisões judiciais têm avançado bastante no reconhecimento de direitos, enquanto a legislação tem encontrado resistência para avançar (DIAS, 2001).

Mesmo com esses avanços, Costa (1992) salienta que o silêncio acerca das situações de violência contra gays está calcado sobre o fenômeno da homofobia vista, grosso modo, como uma manifestação arbitrária frente ao outro, compreendido como contrário, inferior e anormal, sendo apresentada como uma atitude hostil, de repulsa irracional (homofobia afetiva) em respeito à homossexualidade (aprendida



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como algo fora do universo comum dos seres humanos), pode ser comparada como à xenofobia, ao racismo e ao antissemitismo que deve ser tratada como crime contra a humanidade.

Em Picos, essa situação não se difere do contexto mundial. Como exemplo disso, podemos constatar que vários Gays foram assassinados em Picos e na região macro vizinha. Este segmento hoje é o mais vulnerável na Cidade, são os que mais estão expostos a violência homofóbica. Nos últimos 5 anos, 8 LGBT Gays foram assassinados todos com requinte de crueldade e que tipifica requinte homofóbico.

É nítida a homofobia sofrida pelos homossexuais e a necessidade da efetivação de políticas públicas voltadas a este segmento da população. Na nossa cidade, percebemos a atuação do movimento LGBT na luta contra a homofobia.

Em Picos, o Movimento LGBT teve início no ano de 2006, tem como idealizadora e fundadora do Movimento a Travesti Jovanna Cardoso da Silva. A mesma é representante do Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual (GGLOS). Este visa promover a integração e cidadania da comunidade em geral, especificamente as comunidades que sofrem discriminação e preconceito devido a sua orientação sexual e/ou sorologia (SOUSA JUNIOR, 2001).

O GGLOS é uma Organização não Governamental (ONG) composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti e Transsexuais da Macrorregião de Picos. Atinge, na cidade, uma população estimada em 1480 pessoas e na Macrorregião a estimativa é de 5600 pessoas.

Fundado em maio de 2007, a ONG tem respaldo e reconhecimento Nacional e em órgãos como a UNAIDS. Matem parceria técnica e apoio financeiro no Governo Federal e Estadual.

O Grupo Guaribas de Livre Orientação Sexual na cidade de Picos obteve várias conquistas, tendo como uma das mais importantes, o nome Social Para Mulheres Travestis.

Como fruto das articulações políticas do GGLOS foi criado no município a coordenadoria de Direitos Humanos. Esta tem como uma de suas missões valorizar o cidadão picoense em especial os menos assistidos deixados à margem socialmente e culturalmente dentre eles o público LGBT, População Cigana, população de rua, populações de Terreiros, e etc.

A coordenadoria faz enfrentamento, ainda, ao trabalho escravo e a intolerância religiosa, a misoginia, machismo, homofobia, sexíssimo, preconceito racial, heteronormatividade compulsória, geracional e social. É um órgão público inserido na

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estrutura da Secretaria de Trabalho e Assistência Social Municipal de Picos.

Tem como finalidade dialogar com os governos e organismos nacionais e internacionais na busca de parcerias para as ações de inclusão que combata todas as formas de preconceitos, e, ainda, propor ao Prefeito Municipal e aos órgãos competentes ações que beneficie todas as populações marginalizadas socialmente e promover a reinserção social, o resgate e a construção.

Nesse sentido, em Picos, comemora-se o dia 17 de maio, como em nível nacional, o dia internacional contra a homofobia (ódio, agressão, violência, discriminação e até morte de LGBT). Esta data marca uma vitória histórica do Movimento LGBT internacional. Foi quando a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade do Código Internacional de Doenças. O Decreto Presidencial de 04 de junho de 2010 incluiu o Dia Nacional de Combate à Homofobia no calendário oficial federal.

O município dispõe da criação do Dia Municipal de Combate a Homofobia, estabelecido na Lei nº 2.295/08, de 11 de junho de 2008, Art. 1º - fica instituído, no âmbito do Município de Picos o “Dia Municipal de combate a homofobia”, a ser comemorado todo dia 17 de maio de cada ano.

Com a tentativa de conscientizar e diminuir a questão da homofobia temos a realização da parada da diversidade sexual. Esta se caracteriza como o maior evento de concentração popular de rua em Picos.

É uma manifestação que é concretizada pelo movimento LGBT's, mas é uma parada onde cabe todas as pessoas despidas de preconceito, todos os grupos que historicamente tem sofrido discriminação em uma sociedade como a nossa.

Em Picos já está na 10º edição da parada, denominada Parada da Diversidade, e desde sua primeira edição traz temas diferenciado, que consegue dialogar com a sociedade. De acordo com Jovanna, “as paradas da diversidade não servem apenas como momentos de festa”.

Existem eventos que antecedem a parada servem para informar a sociedade sobre o preconceito, o respeito em relação às diferenças, a integração social de todas as pessoas é principalmente fazer um trabalho de extrema utilidade pública, que é orientar a sociedade a se prevenir das Doenças Sexualmente Transmissíveis.

E mesmo com todas essas atividades e conquistas, ainda presenciamos casos cruéis de violência a pessoas homossexuais.

Nesse sentido podemos afirmar que, somente políticas não bastam. Senão existir uma articulação entre essas instituições e

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



pessoas refletindo e propondo questões relacionadas a este tema não teremos uma perspectiva de mudança dessa realidade.

No que diz respeito as entrevistas podemos constatar alguns limites que dificultam a luta contra a homofobia na cidade de Picos e na sociedade como um todo. O pilar destes limites é a cultura conservadora em que vivemos que dá sustentação ao modelo conservador de família e que tem sua origem na sociedade capitalista com um super valorização do “ter” e não o “ser”.

Nesse sentido, também percebemos que 100% dos entrevistados se descobriu como homossexual na adolescência, mas já percebiam características que os levam a chegar essa conclusão.

Isso podemos exemplificar de acordo com a seguinte entrevista: “Na realidade eu sempre me vi diferente dos outros garotos, mas só percebi quando me apaixonei por um rapaz do colégio quando eu fazia oitava série (ENTREVISTADO 1)”

Todos, também, sofreram a primeira reação homofóbica no seio familiar, muitos ainda continuam sofrendo discriminação em casa. Como podemos constatar através do entrevistado: “Minha mãe deixa, mas não aceita, no fundo sei que o sonho dela é me ver casar, ter filhos, meu pai não toca no assunto, se mantém neutro com relação a qualquer coisa” (ENTREVISTADO 4).

Em relação ao diálogo com a sociedade, o maior evento que temos interligado ao nosso tema são as paradas da diversidade sexual. Sob esta temática podemos perceber que a maioria dos homossexuais acha importante pela questão da visibilidade com teor político.

Constata-se também que a questão financeira tem grande relevância e se destaca como um limite que dificulta esta luta contra homofobia. Isto pode ser considerado, a partir do fato de alguns gays possuírem um maior poder aquisitivo, aquecendo o circuito econômico e desta forma falseando um “não” preconceito pela sua orientação sexual pelo fato do “ter” e não do “ser”.

Uma outra questão observada que é o surgimento de ícones que representam a cultura conservadora, em especial ligada a religiões. Isto no momento que percebemos, contraditoriamente, mudanças e conquistas positivas para os homossexuais na sociedade. Esses representantes reforçam o preconceito e suas ações fazem regredir a luta contra a Homofobia.

Como exemplificada nas entrevistas a seguir: “Felizmente vejo hoje uma aceitação maior pela sociedade. Embora existam Felicianos e Malafaias para converter mentes vazias e carentes de cultura. Mas vejo um futuro menos árduo na vivencia de uma



geração que exercerá uma sexualidade livre de rótulos” (ENTREVISTADO 17).

Por fim, vale destacar que, a homofobia não é somente a violência física, mas todo tipo de violência praticada contra os homossexuais – a física, a psicológica, entre outras. Na cidade de Picos é unânime entre homossexuais e heterossexuais a afirmação que a mesma é muito preconceituosa e muito ainda tem a avançar.

Nesse sentido, mais uma vez percebermos a relevância de discussões como esta para tentarmos modificar essa situação. Apesar disso acreditamos que é necessário a construção de uma convivência cada vez mais fraterna e humana, pois é esse olhar de fraternidade que faz diferença na consolidação de um mundo melhor para todas as pessoas independentemente de sua orientação sexual ou de qualquer outro aspecto de sua vida.

CONCLUSÕES

Este trabalho vem no sentido de trilhar caminhos para uma percepção que a homossexualidade é uma forma de orientação sexual assim como outras e que, portanto, não se deve tratar os indivíduos que a vivenciam de forma discriminatória.

A sociedade, bem como o ordenamento jurídico, não pode abster-se de um problema social que é a homofobia,

referindo-se a ele como o problema da minoria.

Respeitar as diferenças mesmo que não concordando com elas é um passo gigantesco para se construir uma vida com mais qualidade e harmonia.

Para tanto é dever de o Estado coibir as condutas homofóbicas, tendo em vista a garantia da dignidade a todos os indivíduos, inclusive a dos indivíduos inseridos na sociedade picoense, que é nosso universo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o Vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DIAS, Maria Berenice. **Homoafetividade e o Direito a Diferença**. São Paulo. Novas letras. 2009.

_____. Maria Berenice. **União Homossexual o Preconceito e a Justiça** 2.ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Disponível em: <http://www.scielo.br/homofobia>. Acesso em 24 de Novembro de 2008.

MOTT, Luiz, Editora Grupo Gay da Bahia. **Violação dos Direitos Humanos e**



Assassinato de Homossexuais no Brasil, 1999. Salvador, 2011.

NAPHY, William. **História da Homossexualidade.** São Paulo. 7ª ed. CIA das Letras, 2006.

REICH, W. **O caráter genital e o caráter neurótico.** In W. Reich, *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, trads, p. 165-185). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933), 1995.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia do conhecimento.** 7ª edição. Rio de Janeiro. Lamparina, 2007.

SOUZA JUNIOR, Paulo Mafra de **O Silêncio e o Segredo do cabeça de cuia:** um estudo sobre a situação de violência vivida pelos gays no Vale do Rio Guaribas/ Paulo Fernando Mafra de Souza Junior- Recife: O Autor, 2011.

<http://www.dicio.com.br/homossexual/> acesso em 14 de outubro de 2013

<http://www.srosset.com.br/textos/familia-novas.html>, acesso em: 25 de novembro de 2013.

<http://www.portalodia.com/noticias/politica/corregedoria-do-tj-regulamenta-casamento-no-piaui-159636.html/>, acesso em 21 de outubro de 2013.